

## **Do «Porto» velho ao «Porto» novo.**

José Ferrão Afonso

Os portuenses poderão estranhar o facto de o arquitecto Fernando Távora ter colocado, frente à «sua» torre da Câmara, agora inaugurada, uma enorme estátua de granito. A escultura, voltada para o interior da torre, figura um guerreiro completamente equipado com couraça, elmo, gládio, lança e escudo, este último exibindo as armas do Porto. Segundo afirmação do próprio Fernando Távora, o projecto da torre não poderia dispensar o que ele designa como uma «representação da cidade». Trata-se, de facto, do revivalismo de um dos mais fortes símbolos portuenses, hoje quase esquecido: a estátua oitocentista do «Porto». Propositadamente, o arquitecto, no projecto da Torre da Câmara, associou-o a um outro emblema da Invicta: quem, do interior da torre, olhar pela grande superfície envidraçada, para NE, vê, em primeiro plano a estátua e, mais longe, na linha do horizonte, a torre dos Clérigos.

A velha escultura, que o arquitecto foi buscar ao Palácio Cristal, fez assim um duplo regresso; em primeiro lugar, regresso à cidade antiga e original da Penaventosa, local onde se encontrava o «Porto» primitivo; em segundo, regresso aos Paços do Concelho para onde foi concebida a estátua no início do século XIX ( embora não para estes, como veremos, mas para os da Praça Nova).

Referi a existência de um «Porto» primitivo. De facto, em 1293 existia uma «pedra do Porto», na rua das Eiras, nas proximidades da Sé (1) junto de umas casas foreiras ao Cabido. Cerca de 200 anos depois, em 1503, a designação e o local mudaram; de «pedra do Porto» passou apenas a chamar-se «o Porto» e encontrava-se então, conforme nos indica um documento publicado por Magalhães Basto nos Açougues da rua Francisca: «...Rua Francisca pública, que vai de junto dos açougues, donde está o Pôrto...» (2)

Algures entre os finais do século XIII e o início do XV, portanto, a estátua foi transportada para os Açougues. Estes, que viriam também a ser conhecidos com designação de Açogue Real, do Castelo, da Cidade ou Matadouro Velho, situavam-se no extremo poente do desaparecido quarteirão medieval frente à Sé, entre as ruas da Penaventosa, das Tendas, do Faval e Francisca, sensivelmente onde hoje se encontra o Largo do Dr. Pedro Vitorino. A estátua encontrava-se sobre a porta principal, voltada a poente, e dela existe uma descrição do memorialista oitocentista Sousa Reis: «...e sobre uma padieira se levantava em meio relevo um muito mal trabalhado e até monstruoso homem todo feito de pedra, e de tais dimensões que ocupava com sua estatura tôda a distância existente entre a dita padieira até ao cimo da empena, e na mão tinha uma haste, talvez figurando a lança do guerreiro; a esta figura chamavam o Pôrto...» (3).

Infelizmente, a descrição de Sousa Reis é bastante imprecisa, mas sugere uma estátua tardo-romana, de rude feitura local, similar, por exemplo, à figura togada que D. Miguel da Silva colocou, no século XVI, num rochedo do Douro frente ao farol de S. Miguel-o-Anjo. O facto de ter uma haste, ou lança, na mão, pode significar que se tratava de uma estátua de Marte, e esse carácter guerreiro prestava-se a uma associação ao nome da cidade. Por outro lado, a sua deslocação da rua das Eiras para ser colocada sobre o portal de entrada dos Açougues, à maneira de escultura de frontão, revela da cultura clássica, para além de lhe acrescentar significado; o que antigamente fora apenas a «Pedra do Porto» passou a ter a dignidade de uma representação de carácter alegórico. Isso pode-nos limitar drasticamente os três séculos atrás referidos para a época em que teria sido transferida: provavelmente pouco antes de 1503, data do documento a que se refere Magalhães Basto. Ora, por essa época, era bispo do Porto D. Diogo de Sousa – que presidiu aos destinos da Sé portuense entre 1495-1505 - o culto prelado

renascentista, embaixador em Roma junto de Alexandre VI e amigo de humanistas que, posteriormente, seria arcebispo de Braga. Nesta cidade, orientado pelos princípios renascentistas, teria importantíssima acção como mecenas das artes, para além de ter sido o promotor de uma revolução urbana. No Porto, a sua obra é menos conhecida, mas sabemos que, por exemplo, a ele se deve a reconstrução da galilé da Sé.

Não será, portanto, de todo descabida a hipótese de ter sido D. Diogo de Sousa a ordenar a transferência da estátua e a sua colocação, à maneira clássica, sobre a porta de um edifício público, que servia de local de abastecimento de carne não apenas à população portuense, mas também à Mitra e ao Cabido. Depois da época romana, a cidade do Porto teve assim a sua primeira manifestação de arte em espaço público de carácter laico – a estátua, como referi, era provavelmente uma escultura pagã - por ironia ordenada provavelmente por um bispo e situada nas proximidades da Sé, em pleno coração daquela que fora a cidade «sagrada» românica.

O «Porto» teve, portanto e durante cerca de trezentos anos, o seu destino ligado ao dos Açougues. Estes tinham uma história longa e complexa: fundados no século XIII na vizinha rua dos Palhais (actual Penaventosa), foram deslocados, pouco depois, para o local em que Sousa Reis os conheceu. Aí permaneceram, apesar de muitas alterações, até meados do século XIX, quando foram demolidos para a abertura da então designada Praça da Penaventosa (4) hoje Largo Dr. Pedro Vitorino. Depois do camartelo, a escultura sumiu-se e, entretanto, tinha sido encomendada uma segunda estátua do «Porto», em 1818, para ser colocada no remate do frontão do novo e recém adquirido edifício dos Paços do Concelho, na então Praça Nova – actualmente D. Pedro IV. Durante cerca de trinta anos, no século XIX, coexistiram portanto duas estátuas do «Porto», passando a dos Açougues a ser conhecida como o «Porto Velho».

É possível, mesmo muito provável, que o antigo relevo tenha inspirado a encomenda da estátua feita pela Vereação em 1818 ao mestre pedreiro João da Silva: «...e por ele foi dito se obrigava a fazer huma figura de pedra representando o Porto, para ser prostada no cume da casa do Passo do Concelho sito na Praça Nova...» (5). João da Silva fora também responsável pela conclusão da obra de transformação da antiga casa nobre dos Monteiro Moreira – a que foi acrescentado um frontão triangular sobre o corpo central, iniciado por um outro mestre pedreiro, Manuel Luís Nogueira, entretanto falecido – em Paços do Concelho (6) Apesar do contrato apenas referir o nome de João da Silva, sabe-se que a estátua teve como autor o escultor João Joaquim de Sousa Alão (7), a quem aquele deve ter subcontratado o modelar da obra, ficando apenas responsável pela sua execução em pedra. João Joaquim de Sousa Alão era membro de uma família de escultores e santeiros, filho do escultor Manuel Joaquim Alves de Sousa Alão e irmão de dois outros escultores. A obra de pai e filho confunde-se: duas das esculturas da frontaria da igreja da Ordem Terceira da Trindade que são geralmente atribuídas a João Alão, foram, segundo R. Pinto de Matos, modeladas pelo seu pai Manuel Alão e executadas pelo pedreiro Bernardo Moreira; as três restantes foram esculpidas segundo modelo de José João Braga (8). Manuel Alão e o seu filho João viriam a emigrar para o Brasil, onde este último viria a ser professor da Academia Imperial de Belas-Artes (9). João de Sousa Alão era o mais importante escultor portuense da época e a sua versão do «Porto», ataviado com um equipamento militar que oscila entre o do legionário romano e o do cavaleiro tardo- medieval, revela ainda de equívocos semelhantes comuns na escultura e pintura barrocas portuguesas. Para além disso, a rudeza do granito também surpreende, habituados quer estamos às superfícies extremamente polidas e obsessão do *finito* neoclássica. Mas a escultura tem uma qualidade apreciável, e será de notar que foi expressamente concebida para ser vista a partir de baixo, dado que, como se referiu, e encomenda previa a sua colocação sobre o frontão.

Este destino da estátua é interessante, e revela do espírito da época. De facto, de um edifício barroco, a Casa Monteiro Moreira desenhado em 1725 por António Pereira, passou-se facilmente, e pelo menos no espírito dos encomendadores, através da adição do frontão e da empena rematada por urnas que o ladeavam, a um neoclássico. A história da arquitectura portuguesa, sobretudo civil, dos séculos XVII, XVIII e parte do XIX fez-se assim, principalmente, em espírito, através da alteração de detalhes... Esta ânsia neoclássica deve-se, obviamente, à influência neopaladiana inglesa, e tinha produzido ou estava a produzir contemporaneamente no Porto obras como o Hospital de Santo António, o Palácio das Carrancas, a Feitoria Inglesa, a referida Igreja dos Terceiros de S. Francisco. Curiosamente, porém, a colocação da estátua do «Porto» sobre o frontão dos Paços do Concelho é menos «clássica» do que a sua antiga situação sobre o portal dos Açougues. A estatuária isolada sobre empenas ou frontões de edifícios desenvolve-se sobretudo com o Renascimento do norte de Itália e tem origem na sensualidade vertical do gótico: Sensovino, e depois, obviamente, Paladio. Deste último passou, por via inglesa, para o Porto.

O projecto inicial de remate do frontão dos Paços do Concelho da Praça Nova não previa a estátua, mas uma mais discreta urna. É de notar que, no Palácio das Carrancas, existe um pedestal por trás do fastígio do frontão, pronto a receber uma estátua que nunca foi colocada. O guerreiro de Sousa Alão será assim, como o tinha sido o seu antecessor no início da Idade Moderna, uma das primeiras esculturas públicas portuenses de carácter laico a surgir na Idade Contemporânea, inserindo-se numa vaga neoclássica que privilegia a alegoria e que perdurará até finais do século. Falamos já da estatuária da igreja dos Terceiros de S. Francisco; outras estátuas alegóricas se lhe seguirão em Oitocentos e em colocação similar: o «Galeno», de António Almeida Costa (10) e o «Esculápio» no Hospital de Santo António; o «Comércio» sobre o frontão da Casa do Barão do Bulhão na rua de Fernandes Tomás, de autor desconhecido e a «Alegoria ao Comércio e Agricultura», sobre a entrada do Mercado do Bulhão, de Bento Cândido da Silva.

### Notas

- 1 - Arquivo Distrital do Porto, Cabido, nº 259, *Livro 9 de Originais*, fls 48
- 2 - BASTO, Artur de, - Os diversos Paços do Concelho da cidade do Pôrto, in «*Vereações*» anos de 1390-1395, D.M.H.P, II, Porto, s/d, p.298
- 3- Transcrito por Magalhães Basto, obra citada, p.298
- 4 -AHMP, nº 193, *Livro 72 de Próprias*, fls 184-184vº.
- 5- Transcrito por Magalhães Basto, obra citada, p.294
- 6- BASTO, Artur de Magalhães, obra citada, p. 293
- 7 -PERES PINTO, J. Marcelino, *Apontamentos para a história da cidade do Porto*, Porto, 1869, p. 131. Referido por VITORINO, António em O Pôrto da Praça Nova, in *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, 3(4), Porto, C.M.P., Dezembro de 1940, p.591. Esta atribuição seria posteriormente aceite pela generalidade dos historiadores portuenses.
- 8 – Referido por VITORINO, Pedro, obra citada, p.595
- 9 – Idem, p. 595.
- 10 –PASSOS, Carlos dos, *Guia Histórico e Artístico do Porto*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1935, p. 308.